

Lampejos de Luz

– Ao Florêncio Beserra, servidor do TJMT –

Em meio aos seres por Deus criados, a pessoa humana, apenas ela, é capaz de questionar a própria existência. No entanto, somente aquele que agasalha uma relação íntima consigo mesmo, acredita em outra vida.

No refletirmos sobre o que orbita à nossa volta, topamos com alguém muitíssimo especial: DEUS! Como nos maravilha esta verdade: Ele é Pai! Nosso Pai. Dia haverá em que vai nos estreitar em seus braços.

Em sua bondade, permite Deus que compartilhemos nossa caminhada com pessoas queridas. Florêncio – estou convencido disso – foi uma delas.

Viveu sabendo que, diante do Criador, vamos nos apresentar com valores não palpáveis – lançados por terra joias e dinheiro. Significativos, mesmo, tão apenas os valores que nos sustentaram nos momentos de angústia, de questionamento, de dificuldades.

Primogênito, recebeu o nome do pai: disso se orgulhava em extremo. Dono de um espírito agregador, Florêncio se deliciava de ver o apartamento cheio, sobretudo quando rodeado de seus doze sobrinhos.

Nele, muitas qualidades sobressaíam. Professor diferenciado, fazia-se estimado de seus alunos. Competente. Respeitadíssimo.

O melhor de sua vida, contudo, ele o devotou ao Tribunal de Justiça. Vestia a camisa desta Casa. Com maestria, dava um baile no que fazia.

A mim me impressionava a dedicação que ele emprestava às caravanas de alunos que brotavam de todas as partes deste Estado para visitar o Poder Judiciário. Desfilava conhecimento com leveza, rara simpatia.

O cerimonial, que ele capitaneou por uma dúzia de anos, era sua casa. Amava-o. Sua atuação, inigualável. Detinha-lhe todas as informações, cujo prestígio não se circunscrevia aos muros do Tribunal.

Nos grandes eventos patrocinados pela Instituição, aí era que sua realização como profissional atingia o ápice, desempenhando-os com multiplicada paixão.

Distribuiu coisas boas. Amou muito. Não só a seus familiares. Por sinal, a eles se referia com devotado carinho. Amou também aos que, privilegiados, tiveram a sorte de cruzar sua estrada.

Em tempo algum se esqueceu da generosidade com que foi festejado pela vida. De um lado, abraçado com o amor extremado de seus pais. De outro, paparicado – e como! – pelos irmãos. Usufruiu saborosamente cada fatia do tempo de felicidade que lhe foi dada.

Viveu para brilhar. Esparramava, onde estivesse, lampejos de luz. Aqui e ali, quando as dificuldades se nos apresentavam intransponíveis, sem solução, oferecia centelhas de sua genialidade.

Permitam-me um parêntese. Outro dia, passeava os olhos por uma obra do pensador Edgar Morin, de cuja edição compartilha o líder indígena Marcos Terena, militante dos direitos que afligem seus irmãos.

A certa altura, com a simplicidade que o caracteriza, Terena se pergunta: *Por que os passarinhos cantam?* De pronto, ele mesmo nos dá a resposta: *Para que possamos ouvi-los, levantando nossos olhos para vê-los e admirá-los.* E arremata: *Este Criador é sabido! Ele não quer que andemos de cabeça para baixo.*

Que lição! Talvez o Florêncio não conhecesse essa historieta, mas com certeza ele a vivia. Olhos fixos no alto, sabia que alguém, braços abertos, o aguardava. Dizia-se por demais agradecido pelas coisas maravilhosas com que Deus o brindara. Bem por isso, esperto, correu o tempo todo atrás de afetos essenciais.

Concluo. Não antes de dirigir uma palavrinha ao próprio Florêncio. Amigo, você se despediu do palco da existência para ir ao encontro da verdadeira vida. Foi atrás do Pai, que já o recebeu.

Não me acanha confessar-lhe uma coisa: **sua falta vai fazer muita falta.** Aliás, já está fazendo. Isto lhe era próprio: sabia colorir nosso dia com pequenas delicadezas, grandes sorrisos e boas palavras. Muito obrigado a Deus e à sua família por nos tê-lo presenteado.

Viver no coração dos que amamos de verdade, é não morrer jamais. Dádivas do Criador, vida e morte são irmãs, faces da mesma moeda. Florêncio, em nossos corações você continua vivo. Fique com Deus!